



“Não sejam cristãos frouxos”: o discurso nacional e sacrificial de Malafaia na sindemia de Covid-19

Réia Sílvia Gonçalves Pereira¹ 

Resumo: O texto analisa algumas das postagens de Malafaia na internet, durante a sindemia de Covid-19. O argumento é que seu discurso se utiliza de um ethos, ao mesmo tempo bélico, e de cunho nacionalista (MAURICIO JUNIOR, 2019), em que o sacrifício pela nação supostamente cristã, representada pelo governo Bolsonaro, justificaria a inação e mesmo o boicote às medidas de controle da crise sanitária.

Palavras-chave: Sindemia; Mídias sociais; Negacionismo.

"Don't be loose Christians": Malafaia's national and sacrificial discourse during the Covid-19 syndemic

Abstract: The text analyzes some of Malafaia's posts on the internet, during the Covid-19 syndemic. The argument is that his speech uses an ethos that is both warlike and nationalist, in which sacrifice for the supposedly Christian nation, represented by the Bolsonaro government, would justify inaction and even boycott measures to control the health crisis..

Keywords: Syndemic; Social media; Denialism.

“Estamos diante de uma escolha de Sofia: coronavírus ou caos social? Bolsonaro está correto”. Foram essas as frases proferidas, em maio de 2020, pelo pastor Silas Malafaia, dirigente da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo (Advêm), para defender a postura do presidente do Brasil, Jair

¹ Estágio pós-doutoral em Sociologia Política (Uenf), doutora em Ciências Sociais (UFJF), mestre em Ciências Sociais (Ufes), graduada em Comunicação Social e em Ciências Sociais (Ufes). Consultora de formação popular e pesquisadora do laboratório de africanidades transatlânticas: cultura, história e memórias afro-brasileiras (UFJF), Juiz de Fora, Brasil. E-mail: artigodebates@gmail.com.

Bolsonaro, em se contrapor às medidas de isolamento social contra a proliferação da sindemia de Covid-19.

As frases em questão foram replicadas em vídeos nas redes sociais do religioso. De fato, Malafaia é profícuo na produção de conteúdos midiáticos. Seus vídeos e postagens nas redes da internet costumam ser recebidos por milhares de internautas e suas opiniões replicadas por centenas de outros. Considerado como um poderoso apoiador do governo Bolsonaro, muito da influência do sacerdote se refere justamente à retumbância de suas manifestações online.

Neste texto, a intenção é analisar algumas das postagens de Malafaia na internet. O argumento é que seu discurso se utiliza de um ethos, ao mesmo tempo bélico, e de cunho nacionalista, em que o sacrifício pela nação, supostamente cristã e representada pelo governo Bolsonaro, justificaria a inação e mesmo o boicote às medidas de controle da sindemia.

Neste texto, serão apresentadas as descrições de vídeos e postagens de Malafaia nas redes sociais. Metodologicamente, tais peças são concebidas como “cenas digitais”, tal como definiu [Noiret \(2015, p.49\)](#). Para o autor, como fragmentos imagéticos, as cenas digitais são possibilidades narrativas, apresentadas tanto em vídeos como em imagens “que direcionam uma mensagem complexa ou direta normalmente oriunda de uma rede social” ([NOIRET, 2015, p. 114](#)). Para [Py \(2021, p.5\)](#) baseando-se em Rosanvallon, as cenas digitais, na história do tempo presente, conformam-se, também, como ações políticas, cuja internet é locus e, também, propulsora,

A submissão deste artigo foi feita a convite dos professores Allan Macedo de Novaes e Lindolfo Alexandre de Souza, editores do dossiê Comunicação e Religiões. O texto foi avaliado por membros da Equipe Editorial e/ou avaliadores externos.

Como citar: Como citar: PEREIRA, R. S. G. “Não sejam cristãos frouxos”: o discurso nacional e sacrificial de Malafaia na sindemia de Covid-19. **Convergências**, Engenheiro Coelho, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2021. DOI: <https://doi.org/10.19141/2764-8435.convergencias.v1.n1.pe1530>



não apenas por aglutinar, mas por fornecer sentido a repertórios discursivos fracionados.

Nessa esteira, apresenta-se algumas cenas digitais do pastor Silas Malafaia em sua ação política como ideólogo do governo Bolsonaro na gestão da sindemia de Covid-19. Para o trabalho, os dados foram colhidos entre outubro de 2020 e janeiro de 2021.

“O povo brasileiro vai virar cobaia de vacina”: análise dos vídeos

Em um vídeo publicado no Youtube, em 27 de outubro de 2020, com costureiro estilo virulento, o pastor Silas Malafaia arremete contra a vacina. Diz que não é contra a vacinação, desde que o Brasil não seja o primeiro a se imunizar. Em tom passível de incitar o pânico moral (COHEN, 1972), o religioso afirmou que os danos de uma vacinação, sem comprovação no corpo humano, são irreversíveis. Destacou, também, que não há razão para a pressa, e que a medida correta seria implantar a vacinação, apenas, após os países da Europa iniciarem o processo de imunização. Também criticou a politização da questão ao que chama de “esquerda nojenta”, por supostamente impetrar ação no Supremo exigindo obrigatoriedade da vacinação. Termina o vídeo orando para que “Deus livre o Brasil dessa praga” (a Covid-19) e guarde as famílias.

“Uma convocação aos evangélicos do Brasil”

Em 29 de novembro, em outro vídeo publicado no Youtube, o pastor inicia a comunicação anunciando a segunda onda de Covid-19 no Brasil. Contudo, destaca que o país “não vai aguentar parar tudo”. Ainda de acordo com o sacerdote, o país está sem dinheiro para dar aos pobres, devido “aos anos de roubalheira anteriores”. Deste dado, o pastor incita os evangélicos a fazerem um jejum, prática comum entre pentecostais, com o intuito de “parar essa praga”, referindo-se à Covid-19. Evoca a teologia da batalha espiritual (MARIZ, 1999) ao destacar o jejum como uma “arma” do povo evangélico capaz de deter a pandemia. Em outras palavras: diante da encruzilhada sobre a suposta impossibilidade de quarentena, a opção seria recorrer às práticas religiosas dos evangélicos, em especial os pentecostais, para impedir que o espírito da doença avance, eximindo o Estado de aplicar medidas para conter o avanço da doença, situando o problema sanitário e político da sindemia numa conotação religiosa-espiritual (BANDEIRA & CARRANZA, 2020).

“Interessa a todos! Vacina contra a Covid. Quero entender!”

Em 14 de dezembro de 2020, no início do vídeo publicado no Youtube, o religioso questiona o suposto dado de que apenas o Brasil iria vacinar seu povo com uma “vacina chinesa” antes mesmo da China. Também usou dados supostamente referentes aos países da África e explica que o baixo número de óbitos, em tais países, se refere ao uso em massa da ivermectina, e ainda utiliza como fonte um médico, cujo nome não é revelado.

Embora afirme que não tem a intenção de “medicar”, ele diz que toma o remédio três vezes por semana, por ter 80 kg de peso, como tratamento preventivo, numa demonstração sutil de sugestão da posologia para o público. Destaca que tal tratamento é uma alternativa ao poder da indústria farmacêutica. Diz que o medicamento não tem contraindicação e que deveria ser fornecido à população. Informa que Deus não menosprezou a medicina e supli-

ca para que as autoridades “abram os olhos”. Além disso, “profetizou” pela saúde do povo, pela vacinação e suplicou para o término do que chamou de “politicagem”. Contudo, o vídeo do bispo foi considerado parcialmente falso pelo Facebook, por supostamente transmitir informações errôneas sobre a ivermectina.

Destaca-se que o governo federal investiu em propaganda pelo suposto tratamento precoce. Uma matéria publicada pelo jornal Congresso em Foco, em 13 de fevereiro, informa que o governo federal, por meio dos ministérios dos esportes e da saúde, produziu uma campanha publicitária estimulando o tal “tratamento precoce”, para o qual não há comprovação científica oficial. A campanha teria custado mais de R\$ 23 milhões, bem como veiculada em rádios e TVs. O Ministério da Saúde também divulgou uma campanha sobre um suposto “cuidado precoce”, na qual estimulava aqueles que apresentavam sintomas gripais a procurar postos e atendimento médico “o mais cedo possível”, a fim de conseguir um atendimento precoce.

“A imprensa canalha e os políticos inescrupulosos contra Bolsonaro”

Em 17 de janeiro de 2021, o bispo postou em suas redes sociais (Twitter, Facebook e Youtube) um vídeo intitulado “a imprensa canalha e os políticos inescrupulosos contra Bolsonaro”. No vídeo, o religioso destaca que interrompe as férias para falar sobre o absurdo que a “imprensa canalha” pratica ao culpar Bolsonaro pela crise em Manaus, onde a falta de oxigênio comprimido levou a óbito dezenas de pessoas. Destaca que o governo foi impedido de gerir a pandemia devido à decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que estabeleceu competências concorrentes entre os entes da federação. Enfatiza que os governadores perseguem o presidente ao entrar com ações do STF. Critica o presidente da câmara dos deputados, Rodrigo Maia, e o governador de São Paulo, João Dória. Ressalta, novamente, a culpa do STF por tirar o poder do presidente da república, eximindo-o de culpa. Enfatizou que tal discurso fora repetido por apoiadores de Bolsonaro. Também informa, no vídeo, que a aprovação da vacina Coronavac é de competência da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e que não há motivos para ansiedade.

Ao final, pede que Deus afaste a “praga (Covid-19) da nossa nação”, além de orar para que supostos políticos, inescrupulosos, sejam também afastados. Criticou, também, os veículos de imprensa, ao dizer que perderam mais de R\$ 1 bilhão em verbas, sem citar as emissoras abertamente favoráveis ao governo. Em todo o discurso, Malafaia evoca uma concepção de perseguição ao presidente Bolsonaro, discurso que coaduna com o conceito cristão de perseguição (RODRIGUES, 2017).

O pastor, o tratamento precoce e o discurso antivacinas

Durante o período analisado, o discurso de Silas Malafaia transitou entre a defesa de um suposto “tratamento precoce”, baseado no consumo do vermífugo ivermectina, chegando a receitar, de forma tácita, o remédio aos seus seguidores. O argumento é de que o tratamento impediria o lucro das corporações farmacêuticas e evitaria o agravamento da doença. Para Malafaia, a vacinação no Brasil não estaria atrasada, justificando, assim, a inação do governo federal. Tal alegação foi seguida pelo presidente Jair Bolsonaro em postagens nas redes sociais. Levanta-se a hipótese de que Malafaia atue como um intelectual orgânico do governo em um sentido próximo ao de Gramsci.

Também se observa a intenção de desacreditar as vacinas e difundir pânico moral (COHEN, 1972) sobre os supostos efeitos adversos dos imunizantes, em especial o da Coronavac, o que demonstra antagonismo com o governador de São Paulo, João Dória, e xenofobia à China e à ideia de comunismo chinês.

O discurso nacional da Advec

A Advec, denominação dirigida por Silas Malafaia, também tem inserção significativa nas redes sociais. Conta com um canal no Youtube, no Facebook e no Instagram. Embora se abstenha de expor, explicitamente, discussões políticas nas redes, é possível perceber, a partir das cenas digitais, o discurso nacionalista e de apoio a Bolsonaro. Separei duas cenas: a primeira delas trata-se de uma peça publicada semanalmente no Facebook e Instagram, trazendo os motivos de oração na igreja. Na peça, uma mão em prece lista os pedidos: pela família, pela nação, para Deus livrar o país da pandemia e pelo presidente.

Na segunda cena, apresento a descrição de um culto realizado em 17 de dezembro, denominado como o último culto da virada de 2020. Na celebração, transmitida pelo Youtube e pelo Facebook, o pastor utilizou uma passagem do profeta bíblico Elizeu, a qual foi interpretada como um chamamento para que os cristãos não sejam “frouxos” ou covardes. Destacou que as notícias sobre a segunda onda de Covid-19 seriam inventadas e propositalmente catastróficas. Também destacou que uma das intenções das narrativas exageradas sobre a pandemia era criar hospitais de campanha “para roubar dinheiro”. Pediu para os “obreiros” hastearem uma bandeira do Brasil e contrapôs a declaração de um “especialista”, o qual havia dito que o Brasil viveria o pior janeiro dos últimos dez anos. Utilizando a glosolalia mesclada com palavras compreensíveis, orou para que o Brasil tenha o melhor janeiro de todos os tempos e “repreendeu o espírito da enfermidade”. Citou a passagem bíblica segundo a qual quem pedir humildemente, Deus irá sanar a Terra.

Assim, em ambas as cenas digitais da Advec, mencionadas neste texto, há uma associação do governo Bolsonaro à ideia de nação, que, em defesa da qual, valeria as orações e o sacrifício dos devotos ao enfrentarem a sindemia de forma valente e corajosa.

Considerações finais: o sacrifício cristão e a sindemia

Ao analisar as postagens da ADVEC nas redes sociais, em conjunto com os discursos de seu fundador, Silas Malafaia destaca-se em um trajeto discursivo que atravessa o próprio dirigente religioso, chega ao presidente Bolsonaro e retorna aos demais celebrantes da igreja. Tais discursos contradizem as orientações para isolamento social e quarentena, assim como defendem o suposto “tratamento precoce” envolvendo o uso de cloroquina e ivermectina, medicamentos sem comprovação científica de sua eficácia, para o tratamento da Covid-19. Os discursos da igreja operam em três eixos relacionados:

- A teologia do domínio (DE LA CRUZ, 2019; SANT’ANA, 2014): a qual defende a expansão de nações cristãs, contando para isso com a adesão de líderes igualmente cristãos. Em discurso de 2018, Malafaia conclama a legitimidade de Bolsonaro como autoridade ungida por Deus para esse fim. Tal concepção dominianista se funde a uma formulação nacionalista, cujos símbolos estão presentes não apenas nas redes sociais, como também na ritualística da igreja.

- A batalha espiritual: concepção segundo a qual o mundo seria palco da luta cotidiana entre o bem e o mal (MARIZ, 1999). Por tal possibilidade teológica, os cristãos atuariam como mediadores, entre os embates sobrenaturais, tendo que apresentar uma postura corajosa e valente ante o mal.
- A ética sacrificial cristã (PEREIRA, 2019): na qual os cristãos, mediadores e guerreiros da batalha espiritual, deveriam ter uma postura corajosa ante os obstáculos para efetivação da nação evangélica (SANT'ANA, 2014; MAURICIO JUNIOR, 2019).

Esses três eixos, pontuados aqui separadamente por estratégia textual, se cruzam e se retroalimentam ao ponto em que as medidas de combate à sindemia foram vistas como empecilhos para a construção da nação cristã governada pelo presidente.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, O.; CARRANZA, B. Reactions to the pandemic in Latin America and Brazil: Are religions essential services? **International Journal of Latin American Religions**, v. 4, n. 2, p. 170-193, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00116-0>

MARIZ, C. L. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [S. l.], n. 47, p. 33-48, 1999. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/213> Acesso em: 08 set. 2022.

NOIRET, S. Historia digital y historia pública. In: BRESCIANO, J. A.; GIL, T. (comp.). **La historiografía ante el giro digital: reflexiones teóricas y prácticas metodológicas**. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, 2015. p. 41-76. Disponível em: https://www.academia.edu/28649815/La_Historiograf%C3%ADa_ante_el_Giro_Digital_Reflexiones_te%C3%B3ricas_y_pr%C3%A1cticas_metodol%C3%B3gicas Acesso em: 08 set. 2022.

PEREIRA, R. S. G. “Deixa o menino rodar”: O carisma reteté em uma igreja pentecostal da periferia. **Debates do NER**, v. 2, n. 36, p. 267-305, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.96166>

PY, F. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. **Revista Tempo de Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e0202-59, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180313342021e0202>.

SANT'ANA, R. O som da Marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus. **Religião & Sociedade**, v. 34, n. 2, p. 210-231, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-04382014000200011>